



Investigando as fases do processo tradutório de um livro ilustrado: contribuições para a formação de uma tradutora

Investigating the phases of the translation process of a picturebook: contributions to the training of a translator

Isabela Braga LEE*

Norma Barbosa de Lima FONSECA**

RESUMO: Baseando-se na abordagem processual da tradução e em propostas de aplicação de práticas de tradução na formação de tradutores, esta pesquisa visou investigar o processo tradutório de um livro ilustrado traduzido por uma tradutora em formação. A análise concentrou-se nos insumos possíveis para a tradução, a distribuição de tempo e a natureza das fases do processo tradutório. A pesquisa foi realizada em ambiente experimental durante três dias, valendo-se da perspectiva multimetodológica de triangulação, com dados quantitativos e qualitativos de primeira e terceira pessoa. Os resultados mostram que, na tradução de livros ilustrados em mais de um dia, o processo tradutório é marcado por recursividade, já que os insumos possíveis (livro ilustrado, TF e TA emergente) podem ser consultados todos os dias, e o TA produzido pelo tradutor em um dia anterior, já revisado parcialmente, tem natureza emergente, podendo auxiliar no planejamento do TA de um dia posterior ou ser revisado. O reconhecimento de possíveis insumos contribui, portanto, para a compreensão da complexidade do processo. Além disso, as fases do processo tradutório estão imbricadas, havendo uma macrofase de redação que inclui reorientações, redações e revisões parciais. Finalmente, a imbricação das fases do processo faz com que sua natureza se altere a depender do dia de coleta. Dessa forma, o texto é mutável, e as estratégias de tradução variam de acordo com ele.

PALAVRAS-CHAVE: Processo tradutório. Livro ilustrado. Fases do processo. Macrofase. Formação de tradutores.

ABSTRACT: Based on the process-oriented approach to translation and on proposals for the application of translation tasks in translator training, this research aimed to investigate the process of translating a picturebook by a translator in training. The analysis focused on the possible inputs for translation, the distribution of time, and the nature of the phases of the translation process. The research was carried out in an experimental setting over three days, using the multi-methodological perspective of triangulation, with first- and third-person quantitative and qualitative data. The results show that the process of translating a picturebook in more than one day is marked by recursion, since the possible inputs (picture

* Mestranda em Estudos Linguísticos, PosLin/UFMG. isabelalee19@gmail.com

** Doutorado em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professora no CMBH. normafonseca@gmail.com

book, ST, and emergent TT) can be accessed on any day, and the TT produced and partially revised by the translator on a previous day has an emergent nature – it may aid in the planning of the TT of a later day, or be revised. Recognizing possible inputs therefore contributes to understanding the complexity of the process. Moreover, the phases of the translation process are intertwined, with a macro-phase of drafting that includes reorientations and partial draftings and revisions. Finally, the imbrication of the phases of the process means that their nature changes depending on the day of collection. Thus, the text is changeable, and translation strategies vary accordingly.

KEYWORDS: Translation process. Picturebook. Phases of the translation process. Macrophase. Translator training.

Artigo recebido em: 09.10.2023

Artigo aprovado em: 13.02.2023

1 Introdução

Este artigo relata um estudo de caso do processo tradutório de uma tradutora em formação. Ele é resultado de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida em 2021, que teve como objetivo geral analisar o processo tradutório de um livro ilustrado. O presente artigo é um recorte da pesquisa mencionada, concentrando-se nos resultados das fases desse processo (Jakobsen, 2002), embora se reconheça que ele seja complexo, tendo “um caráter interativo e não linear, no qual se criam processos controlados e não controlados, e que requer processos de identificação e solução de problemas, implementação de estratégias e tomada de decisões”¹ (Hurtado Albir, 2001, p. 375).

As fases têm sido amplamente analisadas nos estudos do processo, principalmente ao comparar-se o desempenho de tradutores iniciantes e profissionais. Jakobsen (2002) divide o processo tradutório em três fases: orientação, redação e revisão. Na fase de orientação, o tradutor lê o texto e se prepara para a tarefa; na fase de redação, o tradutor compõe o texto, ou seja, redige um texto na língua-alvo (LA)

¹ Nossa tradução de “un carácter interactivo y no lineal, en el que se producen procesos controlados y no controlados, y que requiere procesos de identificación y resolución de problemas, aplicación de estrategias y toma de decisiones”.

partindo de uma língua-fonte (LF); na fase de revisão, o tradutor revê e altera ou não as escolhas tradutórias feitas durante a fase de redação.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de tradução de um livro ilustrado. Como objetivos específicos, este estudo, cuja coleta foi realizada em três dias, visa a) identificar os insumos possíveis nesses dias de coleta; b) verificar se há diferenças na distribuição de tempo nas fases do processo tradutório; e c) investigar se há diferenças na natureza das fases quando uma tarefa tradutória é realizada em mais de um dia.

Dessa maneira, a discussão dos resultados de um processo tradutório que durou três dias é orientada pelas seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Quais são os insumos possíveis para a tradução?
- b) Em que medida as fases podem ter diferente distribuição de tempo em cada dia de coleta?
- c) Quando uma tradução é realizada em mais de um dia, há diferenças na natureza das fases?

Apesar de fundamentada nas práticas dos desenhos experimentais em estudos processuais – nos quais se busca simular uma situação real em que os participantes geralmente executam tarefas durante minutos ou horas de um mesmo dia –, esta investigação propõe uma metodologia que consiste em um estudo de caso com uma participante que executa uma tarefa de tradução durante três dias de coleta de dados. Este estudo de caso, ao buscar simular uma situação real de tradução, conforma-se com os estudos experimentais, pois propõe uma tarefa a ser realizada em um ambiente real, mas controlado, e etapas pré-estabelecidas a serem cumpridas por uma participante, primeira autora deste estudo, que estava concluindo o curso de bacharelado em tradução, como parte do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), obedecendo a algumas condições, detalhadas na Metodologia.

Além dos textos-base dos estudos experimentais do processo tradutório, a metodologia de coleta e análise de dados inspira-se também nas pesquisas experimentais de (re)tradução (Malta, 2015; Duarte, 2017; Malta; Fontes; da Silva, 2019;

Fontes, 2020). Assim, os resultados também trazem reflexões sobre as fontes de consulta em uma situação de tradução literária realizada pela primeira autora deste trabalho.

Além desta introdução, em que se apresentam os objetivos e as perguntas de pesquisa que direcionaram este estudo, este artigo contém as seções Fundamentação teórica, na qual são abordados conceitos pertinentes ao processo tradutório, ao processo de tradução literária, à formação de tradutores e à tradução de livros ilustrados, e Metodologia, em que se descrevem os métodos de coleta de dados e os procedimentos de análise adotados. Além dessas seções, os resultados são apresentados e analisados em Resultados e discussão, e as conclusões, dificuldades e implicações para estudos futuros são evidenciadas nas Considerações finais. Na seção seguinte, descrevem-se os estudos que basearam este estudo do processo tradutório de uma tradutora em formação.

2 Fundamentação teórica

Nesta seção, são apresentados conceitos que foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo. Tais conceitos incluem, dentre outros, a literatura infantil e juvenil, o processo tradutório e as fases desse processo, bem como o seu papel na formação de tradutores.

2.1 O processo tradutório e suas fases

Traduzir é uma atividade cognitiva complexa; por esse motivo, metodologias de coleta e análise de dados do processo tradutório foram desenvolvidas para inferir o que se passa na mente do tradutor enquanto ele traduz. Tais pesquisas podem ser observacionais, realizadas em ambiente natural, ou experimentais, em ambiente controlado (Hansen, 2013), geralmente fazendo uso da perspectiva multimetodológica da triangulação (Jakobsen, 1999; Alves, 2001). Nessa perspectiva, os dados de primeira pessoa, fornecidos pelo participante do estudo, devem ser combinados aos de terceira

pessoa, fruto das observações do pesquisador, para que se tenha uma noção mais geral do processo (Hansen, 2013).

Mesmo realizadas em ambiente controlado, as pesquisas experimentais buscam manter ao máximo a validade ecológica do processo, isto é, reduzem fatores que possam coibir sua naturalidade. Jakobsen (2002), utilizando o Translog (Jakobsen; Schou, 1999), um programa que registra o processo tradutório, propõe a sua divisão em três fases: orientação, redação e revisão. A orientação começa quando o texto-fonte (TF) é aberto no Translog e vai até a digitação da primeira tecla de produção textual do texto-alvo (TA). Esse intervalo é geralmente destinado à compreensão do TF – apesar de também incluir planejamento para a produção do TA – e pode ser marcado por movimentos de *mouse* para possibilitar a leitura integral do TF. A fase de redação, por sua vez, é iniciada com o pressionamento da primeira tecla de produção do TA, sendo caracterizada pela utilização de estratégias de tradução – “procedimentos [...] utilizados pelo tradutor para resolver os problemas encontrados no decorrer do processo tradutório e para melhorar sua eficácia em função de suas necessidades específicas” (Hurtado Albir, 2001, p. 637)² –, pela produção textual e por diversas revisões *online*, as quais são definidas como alterações feitas no decorrer do processo. Essa fase termina com o pressionamento da última tecla para finalização do TA, ou seja, a pontuação que corresponde àquela que estava no TF (Jakobsen, 2002), ou com uma revisão *online* de um trecho recém-produzido (Fontes, 2020). Finalmente, a fase de revisão inicia-se geralmente com movimentos de *mouse* para releitura do TA produzido. Essa fase é caracterizada por produção textual reduzida e mais lenta e termina quando o tradutor decide que o texto está finalizado. Portanto, nessa fase, são feitos ajustes de formatação, bem como correções de pontuação e de ortografia do TA.

² Nossa tradução de “Procedimientos [...] utilizados por el traductor para resolver los problemas encontrados en el desarrollo del proceso traductor y para mejorar su eficacia em función de sus necesidades específicas”.

Nessa investigação, Jakobsen (2002) analisa o processo tradutório de oito tradutores, divididos em dois grupos: quatro tradutores semiprofissionais e quatro tradutores profissionais. A análise do autor concentra-se nas três fases (orientação, redação e revisão) e no tempo total de execução de quatro tarefas de tradução. Os resultados revelam que, embora os tradutores profissionais tenham demorado menos tempo que os semiprofissionais para executar a tarefa, foram os profissionais que gastaram mais tempo na fase de revisão final, cerca de 24% em média, em comparação com os semiprofissionais, que dedicaram em média 19% do tempo total de execução da tarefa a essa fase. Isso leva o autor a identificar essa fase como uma fase de monitoramento, em que há geralmente uma grande quantidade de novas consultas ao texto-fonte, além de outras fontes de consulta, como dicionários, por exemplo.

Diversas pesquisas no Brasil têm confirmado que a fase de redação é a que demanda mais tempo do processo tradutório, como em Malta (2015) e Fontes (2020). Utilizando o Translog-II com o rastreador ocular Tobii T60, Malta (2015), Duarte (2017) e Fontes (2020) desenvolvem uma pesquisa experimental para constatar que o processo da (re)tradução difere da tradução, pois, além de envolver a produção de um TA a partir de um TF, requer o reconhecimento (ou a existência) de pelo menos um TA na língua-alvo (Malta; Fontes; da Silva, 2019).

Nesses estudos, Malta (2015), Duarte (2017) e Fontes (2020) investigam as fases do processo tradutório de textos literários e a influência de traduções já produzidas de textos literários na língua-alvo (o português) em tarefas de (re)tradução, respectivamente, de três línguas-fonte: espanhol, francês e inglês. Nessas pesquisas, os participantes (professores, estudantes de graduação e pós-graduação e/ou tradutores profissionais) são divididos em grupos, com base principalmente na experiência em tradução.

Nessas pesquisas que analisam o processo de (re)tradução, estabelecem-se quatro áreas de interesse para o rastreamento ocular: o TF, duas traduções prévias publicadas na língua-alvo e a retradução, o texto final produzido no decorrer da tarefa

(Malta, 2015; Duarte, 2017; Fontes, 2020). Assim, consideram-se o TF e as traduções prévias publicadas como insumos possíveis para a (re)tradução e investigam-se os percursos do olhar dos tradutores após a leitura do TF. Os resultados desses estudos indicam que o TF e o TA possuem papel central no processo, enquanto as traduções prévias têm papel auxiliar (Malta, 2015; Duarte, 2017). Entretanto, Fontes (2020, p. 180) identifica um “papel primordial das traduções prévias nas tarefas de (re)tradução”, destacando sua importância em todas as fases do processo, inclusive na revisão. Tais resultados indicam, portanto, a importância não apenas do TF como insumo para a tarefa de (re)tradução, mas também das traduções prévias publicadas.

Além disso, Fontes (2020) sugere que a fase de orientação seja também considerada na fase de revisão, pois, para fazer a revisão, é preciso que o tradutor se oriente pelo menos a partir do TA que produziu. Nessa perspectiva, pode-se fazer uma analogia da orientação na revisão como uma espécie de acompanhamento do processo, o que induz Jakobsen (2002) a chamar a fase de revisão final de fase de monitoramento.

Borg (2018) identifica, em um estudo de caso de tradução literária, que as fases de pós-redação do processo constituem-se como três fases distintas (reformulação, aperfeiçoamento e autorrevisão linguística). A autora observa que a fase mais longa foi a de reformulação, que consistiu em uma revisão substancial da tradução comparando-se o TF e o TA. Ao associar os resultados e as concepções de aperfeiçoamento e autorrevisão linguística de Borg (2018) com a concepção de autorrevisão de Mossop (2014), pode-se concordar com a autora quando ela afirma que a variação individual é inerente ao processo de tradução e que um passo natural aos Estudos da Tradução é a análise de diferenças individuais.

2.2 Os estudos do processo e a formação de tradutores

Lörscher (1992) defende que os estudos do processo podem contribuir com a formação de tradutores, permitindo verificar deficiências na tradução e conscientizando acerca da estrutura e da complexidade do processo tradutório.

Tirkkonen-Condit (2005), por sua vez, argumenta que, ao estudar seu próprio processo, o tradutor eleva sua competência e torna-se mais confiante de sua identidade profissional. Segundo a autora, os estudantes de tradução devem aprender a monitorar criticamente seu desempenho, com o uso de ferramentas de coleta de dados.

Nessa perspectiva, utilizando o *software* Inputlog, Domingos (2016) realiza uma tradução comentada de minicontos abordando o processo e o produto de sua tradução, obedecendo a regras específicas (limite de 55 palavras), e fazendo a revisão final³ no dia seguinte às outras duas fases, para “descansar a mente” do texto. Após isso, a tradução inicial era seguida por uma revisão junto ao orientador, entendida pela autora como uma nova revisão (Mossop, 2014), tendo como produto a tradução final. Ao analisar os resultados (a duração das fases e as unidades de tradução) e contrastar a tradução inicial com a tradução final, Domingos (2016, p. 5) afirma que é capaz de “identificar falhas, justificar suas tomadas de decisão ante problemas de tradução e ponderar sobre a necessidade de monitoramento do seu fazer tradutório”, observando-se uma retrospectiva protelada (Cohen, 1989).

Baseando-se em Ericsson e Simon (1980), Cohen (1989) propõe analisar as estratégias de aprendizagem de língua estrangeira por meio da coleta de protocolos ou relatos verbais. Tais protocolos podem ser suscitados por meio da introspecção (feita até 20 segundos após o ocorrido, utilizando a memória de curto prazo) e da retrospectiva (feita após a tarefa, utilizando a memória de longo prazo). A retrospectiva, ainda, pode ser imediata (feita até uma hora após o evento) ou protelada (feita horas, dias e até meses após o evento).

Os protocolos verbais (Ericsson; Simon, 1980, 1984/1993) também têm sido utilizados para analisar o processo tradutório. Nessas análises, a introspecção é entendida como a reflexão feita pelo participante a respeito da tarefa que ele está executando, destacando-se aspectos do desempenho no processo de execução da

³ A autora considera revisão final a revisão solitária feita por ela um dia após a tradução.

tarefa. Nesse sentido, há uma distinção entre os protocolos verbais concomitantes (TAPs, *Think--aloud protocols*) e os protocolos retrospectivos. Enquanto nos primeiros a introspecção é feita durante a execução da tarefa, nos segundos, a introspecção é feita após a execução da tarefa, sendo, por isso, chamada de retrospectão. Desse modo, surgem então os protocolos verbais retrospectivos, que podem ser livres, com o relato espontâneo do participante, ou guiados, em que o participante responde a perguntas feitas pelo pesquisador.

Gile (2004), buscando criar uma ferramenta didática que estimule a autonomia de estudantes de tradução, cria o Relatório Integrado de Problemas e Decisões (IPDR, *Integrated Problem-Decision Reporting*). Nesse modelo de protocolo retrospectivo escrito, os estudantes devem descrever todos os problemas que identificam e as estratégias adotadas para solucioná-los, anotando todas as fontes de apoio externo utilizadas durante o processo tradutório. Além de estimular a desautomatização de reflexos e a fixação de técnicas discutidas, destacando a importância do pensamento e da tomada de decisão, o IPDR auxilia o professor a acompanhar o progresso de seus alunos e a saber, de forma precisa, onde estão os pontos de maior dificuldade no texto para o aluno (Gile, 2004). Apesar de reconhecer que há alunos iniciantes que tomam decisões equivocadas, Gile defende que, na perspectiva do IPDR, os erros no produto são indicadores de problemas no processo. Segundo o autor, o IPDR é um bom exercício de argumentação, e alguns alunos voltaram atrás em decisões tomadas quando tiveram que defendê-las no relatório.

Ketola (2018) discute a aplicação de um diário de tradução semelhante ao IPDR para estudar um dos primeiros processos tradutórios de alunos de cursos de tradução. Segundo a autora, a didática da tradução se beneficia da consciência dos tradutores em formação de que as concepções sobre o público leitor e sobre o propósito da tradução influenciam na identificação de problemas e soluções e na tomada de decisões. Esse tipo de benefício foi o almejado por esta pesquisa, que tratou da tradução de um livro ilustrado por uma tradutora em formação.

2.3 Tradução de livros ilustrados

Os livros ilustrados são um tipo de texto da literatura infantil e juvenil, a qual é delimitada com base no seu destinatário (Alvstad, 2019; O'Sullivan, 2019), ou seja, crianças e adolescentes. Alvstad (2019) defende que essa literatura tem um destinatário múltiplo, pois o grupo entendido como leitor é um espectro de leitores de diferentes idades. Além disso, a obra dirigida às crianças e aos adolescentes precisa ter elementos que tenham valor também aos leitores adultos (pais, editores, tradutores, bibliotecários, diretores de escolas), pois serão esses os responsáveis por fazer o livro chegar à criança.

Desse modo, a prática de tradução de livros ilustrados requer a interpretação de informações oriundas de diferentes fontes e a adoção de estratégias para atender às necessidades do público-alvo. Oittinen, Ketola e Garavini (2018), por exemplo, defendem que há uma preponderância do visual nos livros ilustrados, que não só influencia o processo de leitura, mas também condiciona o tradutor a manipular o verbal, explicando elementos específicos, adicionando ou removendo informações.

A próxima seção apresenta os métodos de coleta de dados e os procedimentos de análise.

3 Metodologia

A metodologia utilizou a abordagem da triangulação (Jakobsen, 1999; Alves, 2001, 2003) para a coleta de dados durante a execução da uma tarefa de tradução de um livro ilustrado por uma participante, graduanda em Letras em uma universidade federal, que desenvolveu este estudo de caso como TCC. A fim de detalhar os aspectos metodológicos dessa pesquisa, esta seção é dividida em Desenho experimental e Procedimentos de análise.

3.1 Desenho experimental

Duas grandes preocupações na elaboração dos desenhos experimentais são a seleção do texto a ser traduzido (gênero textual, extensão, área de domínio, nível de dificuldade etc.) e o perfil dos participantes. No desenho do estudo aqui relatado, a preocupação principal foi a seleção do livro ilustrado a ser traduzido, já que ele deveria ser desconhecido pela participante, cujo perfil é detalhado a seguir, e deveria ser traduzido sem pressão de tempo, porém em um tempo que não causasse desconforto à participante. Além disso, a escolha das ferramentas adequadas para a coleta de dados constituiu um aspecto importante do desenho experimental.

3.1.1 Seleção do livro ilustrado

O livro ilustrado escolhido para a coleta foi *Grandpa* (1998), escrito por Lilith Norman e ilustrado por Noela Young. Para registrar as decisões tomadas pela participante assim que leu o texto pela primeira vez, ela apenas ficou ciente do texto que traduziria no momento da coleta, buscando evitar que refletisse sobre o livro antes do início da tradução. Dessa forma, a orientadora e a coorientadora ficaram responsáveis por escolher o livro ilustrado e preparar a coleta de dados utilizando o Translog-II e outras ferramentas, conforme a próxima subseção.

3.1.2 Ferramentas de coleta de dados

Nos estudos do processo tradutório, diferentes *softwares* de registro do processo têm sido utilizados, como o Translog-II (Carl, 2012), versão atualizada da ferramenta gratuita criada por Jakobsen e Schou (1999). Esse programa apresenta duas interfaces: Supervisor e User. Após o pesquisador ter configurado o experimento no Translog-II na interface Supervisor, o participante do estudo, na interface User, visualiza uma janela não editável com o TF e uma janela editável em que o TA deverá ser digitado. Finalizada a tradução, um relatório é gerado para o pesquisador, com o registro do tempo de tradução, atividades de teclado e de *mouse*, entre outras informações. Esse

relatório possibilita a análise das ações de teclado e *mouse*, a identificação de unidades de segmentação (unidades de tradução) e a identificação das fases do processo.

Além da obtenção de dados com o Translog-II, os protocolos verbais constituem-se como uma ferramenta de introspecção que traz informações importantes para entender o processo tradutório. Neles, o participante de um experimento é convidado a relatar seu desempenho, de forma concomitante ou retrospectiva. Os protocolos podem ser realizados verbalmente ou por escrito, livres ou guiados. Os protocolos retrospectivos têm sido muitas vezes utilizados como um complemento aos dados obtidos com o registro do processo pelo Translog-II, com trechos específicos sendo selecionados para comprovar as hipóteses do pesquisador (da Silva, 2015). Nesta pesquisa, ao contrário, faz-se uma análise abrangente e extensa dos protocolos retrospectivos, utilizando-os para explicar a natureza das fases e a distribuição de tempo nelas.

Para a coleta de dados, utilizaram-se o programa Translog-II (Carl, 2012) para registrar o processo tradutório e o *software* OBS Studio para gravar a tela do notebook utilizado para a execução da tarefa e para gravar o áudio enquanto a participante relatava livremente seu desempenho no processo tradutório em protocolos retrospectivos verbal e escrito livres e respondia a perguntas de um protocolo retrospectivo guiado. Para a realização dos protocolos retrospectivos livres, a participante comentava tudo o que viesse à sua mente sobre o processo tradutório enquanto assistia ao vídeo de gravação do processo feito com o OBS Studio. Para fazer o protocolo retrospectivo verbal guiado, a participante, no último dia de coleta de dados, respondeu a perguntas elaboradas pelas orientadoras sobre o livro ilustrado e sobre o processo tradutório. Além dessas ferramentas, a participante preencheu um IPDR (Gile, 2004) adaptado, que consistia em registrar as dificuldades de tradução encontradas, o processo de tomada de decisão e a justificativa para a decisão final.

Dessa forma, adotou-se a perspectiva metodológica de triangulação. O Translog-II e a gravação da tela forneceram os dados de terceira pessoa e a gravação

do microfone e os protocolos (relatos da tradutora após a tarefa) forneceram os dados de primeira pessoa a respeito do processo tradutório. Salienta-se que os resultados apresentados e discutidos na próxima seção se referem a dados de terceira pessoa, mas a maioria das conclusões foi fundamentada pelos dados de primeira pessoa.

3.1.3 Adequação da coleta definitiva com base em uma coleta exploratória

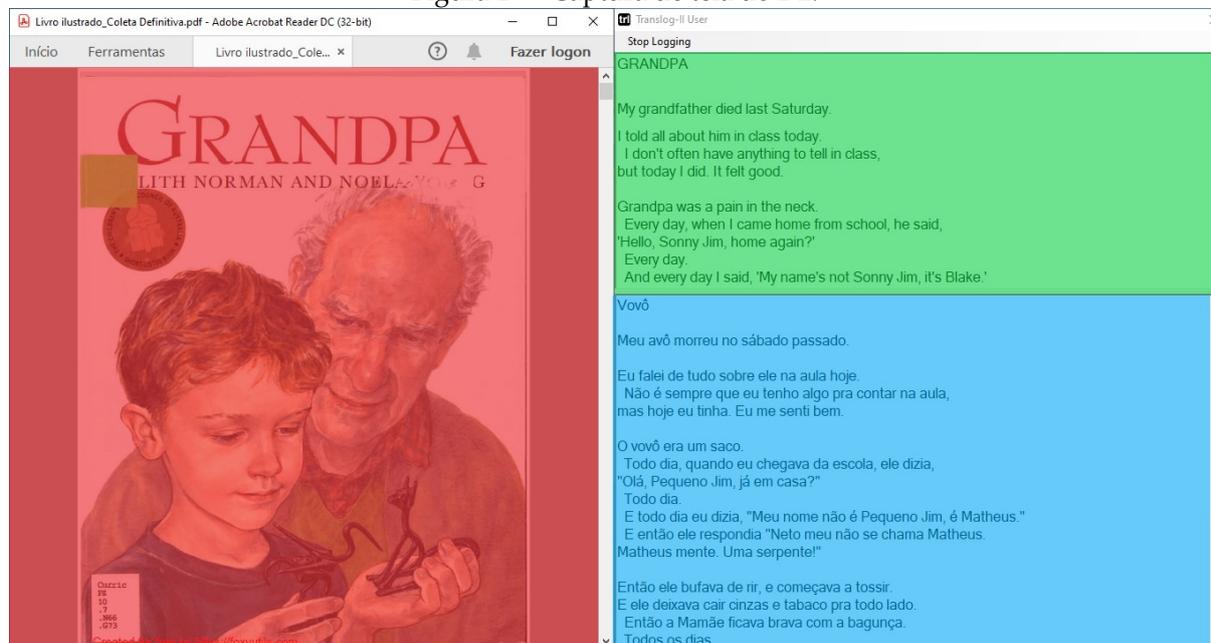
Antes da coleta definitiva, realizaram-se um teste das ferramentas e uma coleta exploratória, a fim de testar a combinação de *softwares*, posicionamento das janelas na tela, quantidade de palavras por dia e ferramentas de coleta de dados. A partir desse teste e da coleta, decidiu-se utilizar as ferramentas listadas na subseção anterior e conduzir a coleta definitiva durante três dias, na qual traduziu-se o livro ilustrado *Grandpa* (Norman; Young, 1998), um livro ainda desconhecido pela participante, sem pressão de tempo.

No primeiro dia de coleta (D1), a janela não editável do Translog-II continha apenas os trechos do livro que deveriam ser traduzidos no D1, e a janela editável estava em branco; no segundo dia (D2), a janela não editável continha os trechos do dia anterior acrescidos dos novos trechos a serem traduzidos, e a janela editável continha o texto entregue no dia anterior, mantendo-se essa configuração no terceiro e último dia (D3). Apesar de a quantidade de palavras do TF na janela não editável do Translog-II ser limitada à tradução a ser executada em cada dia (cerca de 190 palavras), no D1 a participante recebeu o arquivo .pdf do livro ilustrado que iria traduzir, para que pudesse lê-lo integralmente, caso desejasse.

Para uma melhor compreensão de como a coleta foi organizada, a Figura 1 a seguir ilustra a organização dos insumos no D2. A área vermelha delimita o .pdf do livro ilustrado; a verde, a janela não editável do Translog-II, com o texto a ser traduzido no dia; e a azul, a janela editável do Translog-II. Como a captura de tela é representativa do início do D2, a janela editável do Translog-II continha a tradução

entregue no fim do D1. Dessa forma, a participante poderia acrescentar a tradução do trecho correspondente do dia e editar a tradução já feita até então.

Figura 1 — Captura de tela do D2.



Fonte: elaborada pelas autoras.

3.2 Participante

A participante da pesquisa possuía conhecimento avançado de inglês comprovado com exame de proficiência (TOEFL-ITP) e pesquisava a tradução de livros ilustrados na iniciação científica há dois anos.

Ela já havia tido contato com o programa Translog-II, conforme detalhado a seguir, em atividades práticas de disciplinas de tradução na graduação. No entanto, traduzir um livro ilustrado era uma tarefa nova que foi motivada pelo desejo da participante de realizar uma tarefa tradutória e documentar suas escolhas em um estudo de caso experimental como parte de seu TCC.

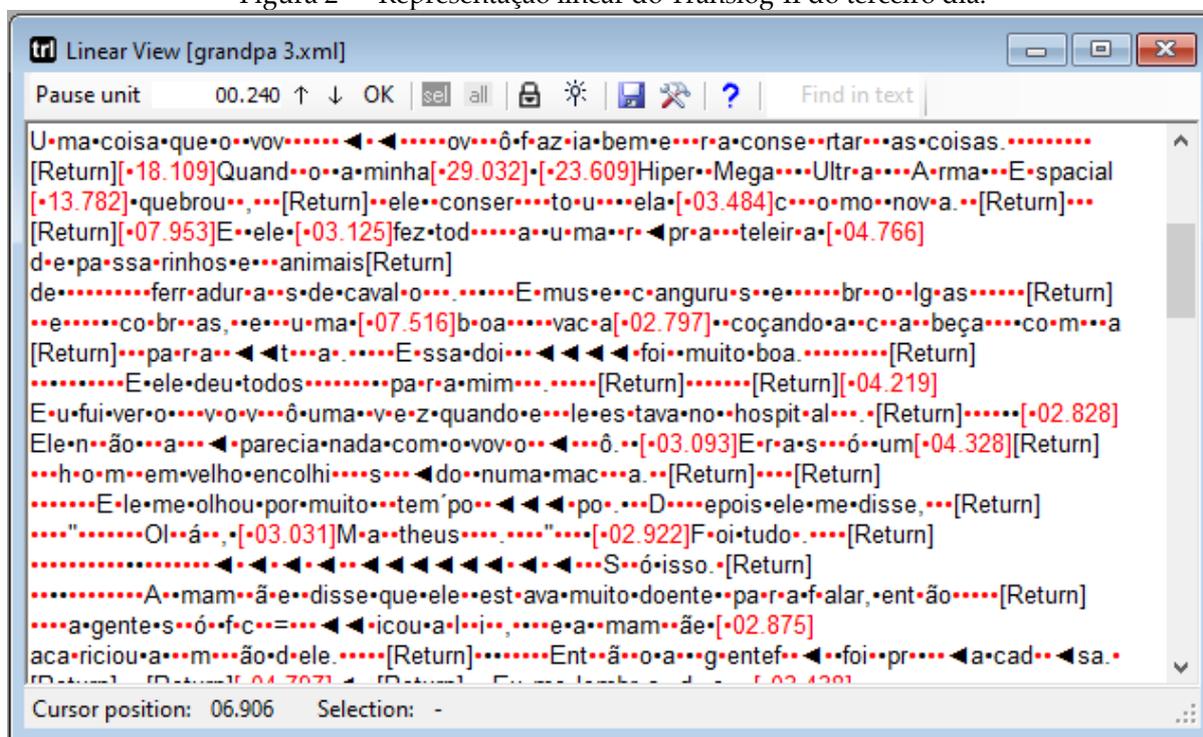
3.3 Metodologia de análise

Para análise dos resultados, os arquivos .xml criados ao fim da tarefa de cada dia foram abertos na interface Translog-II Supervisor; selecionou-se a opção de

representação linear, que permite identificar os pressionamentos de tecla e os movimentos de *mouse* feitos durante a execução da tarefa tradutória, bem como as pausas, conforme o intervalo de análise definido pelo pesquisador, o tempo total de execução da tarefa e a distribuição desse tempo em fases do processo tradutório.

A Figura 2 ilustra a representação linear do terceiro dia de coleta, com as pausas indicadas pelos valores entre colchetes (pausas com 2,4 s ou mais) e pelos pontos coloridos em vermelho (0,24 s cada). A pausa de no mínimo 2,4 s foi selecionada com base no intervalo também utilizado por Jakobsen (2005), Autor (2014) e Malta (2015). Cada segmento precedido por uma duração em colchetes foi considerado uma unidade de tradução (UT).

Figura 2 — Representação linear do Translog-II do terceiro dia.



Fonte: elaborada pelas autoras.

4 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, os resultados são apresentados e discutidos de acordo com as perguntas de pesquisa. Ela está dividida em três subseções. A primeira discute a

respeito da palavra “insumos” e dos possíveis insumos para a tradução quando uma tarefa de tradução é realizada em três dias, em vez de um, mesmo sendo possível a tradução da quantidade total de palavras em um mesmo dia. A segunda apresenta e discute a distribuição de tempo nas fases do processo, quando os insumos variam conforme o dia da coleta. Finalmente, a terceira subseção discute a natureza das fases do processo tradutório, considerando a imbricação de uma fase do processo tradutório dentro da outra quando este dura mais de um dia.

4.1 Insumos possíveis para a tradução

A primeira pergunta de pesquisa questiona quais são os insumos possíveis para a tradução. A palavra “insumo” tem geralmente sido utilizada para fazer referência aos TFs e a textos de apoio, como traduções prévias publicadas (Malta, 2015; Duarte, 2017; Fontes, 2020) e textos produzidos por sistemas de tradução automática (Koglin, 2015; Sekino, 2015; Fonseca, 2016, 2019), utilizados em pesquisas processuais. Neste estudo, a noção de “insumo” é ampliada, passando a abranger também o “Livro ilustrado” (o arquivo .pdf ao qual a participante teve acesso integral), conforme o Quadro 1, além do “TF”, ou seja, do conteúdo da janela não editável a ser traduzido no Translog-II.

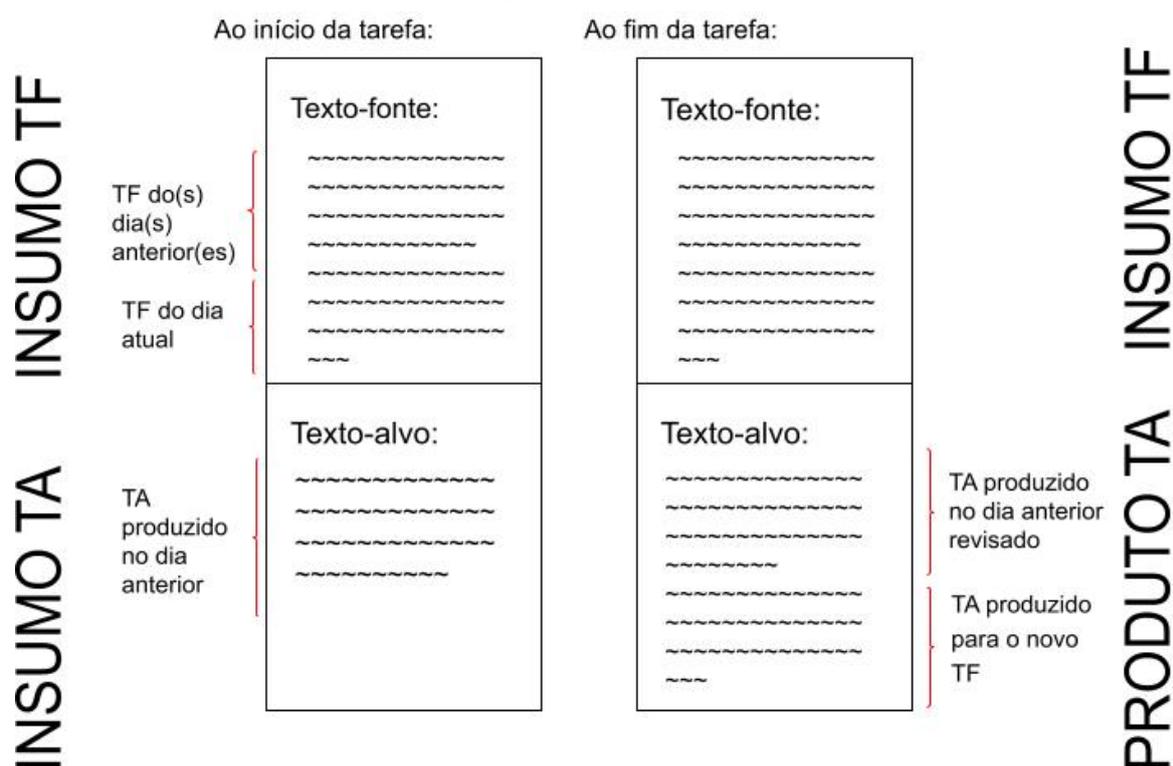
Quadro 1 – Insumos por dia de coleta.

Dia de coleta	Insumos na coleta			
D1	Livro ilustrado	TF 190 palavras a serem traduzidas		
D2	Livro ilustrado	TF 190 palavras	TA 196 palavras	TF 185 palavras a serem traduzidas
D3	Livro ilustrado	TF 375 (=190+185) palavras	TA 392 palavras	TF 201 palavras a serem traduzidas

Fonte: elaborado pelas autoras.

Observa-se que, do primeiro ao segundo dia, além das novas palavras a serem traduzidas, acrescenta-se ainda aos insumos o TA já existente, o qual foi produzido ao fim do dia anterior de coleta. Do mesmo modo, o TA produzido ao fim do D2 não equivale ao insumo TA do D1 somado à tradução do TF do D2, uma vez que o produto da tradução desse dia consiste também de revisões feitas no insumo. Desse modo, a ampliação dessa noção é necessária quando se trata de uma tradução feita em mais de um dia de coleta, uma vez que, além do TF na janela editável, a participante pode utilizar o arquivo digital do livro ou até mesmo um livro impresso na língua-fonte, bem como o TA emergente produzido ao final do dia anterior. A relação entre o insumo TA e o produto TA no D2 e no D3 está mais bem ilustrada na Figura 3 a seguir. Apesar de o insumo livro ilustrado em .pdf não estar mencionado na figura, uma vez que não passa por mudanças, ele foi consultado nos três dias de coleta.

Figura 3 – Relação entre os insumos TF e TA do dia anterior e o produto TA em um dia de tarefa posterior ao D1.



Fonte: elaborada pelas autoras.

Conforme o Quadro 1, no D1, os insumos possíveis para a tradução em três dias de coleta são o livro ilustrado em .pdf e o TF na janela não editável do Translog-II. A partir do D2, há também o TA produzido até então como insumo (TA emergente). Esses insumos (o livro ilustrado, o TF na janela do Translog-II e o TA) são consultados em diferentes fases do processo em diferentes dias.

A partir da gravação da tela feita com o OBS Studio, observou-se que a maior variação de consulta aos insumos está na fase de orientação: no D1, consulta-se o livro ilustrado e o TF; no D2, o livro ilustrado e o TA; no D3, não se consultam os insumos. Além disso, os insumos não são consultados apenas na fase de orientação: eles servem de apoio para a redação e para a revisão também. Tal constatação assemelha-se aos resultados apresentados por Fontes (2020) para a (re)tradução, pois os insumos de (re)tradução (TF e traduções prévias publicadas) podem servir de apoio em todas as três fases do processo. Nas tarefas de (re)tradução, as traduções prévias poderiam ser consultadas para resolver dúvidas de tradução. Em contrapartida, no caso deste estudo, o TA se apresenta como um insumo que não pode ser consultado para solução de dúvidas de tradução, apenas para consulta de escolhas da participante e para revisões.

Dessa forma, na tradução de livros ilustrados em mais de um dia, o TA produzido pelo tradutor em um dia anterior, que já havia passado por revisão parcial, auxilia o planejamento do TA de um dia posterior e pode ser revisado; sendo, portanto, um TA emergente. Essa recursividade reforça a argumentação da revisão parcial, conforme ilustrado no Quadro 2, evidenciando que, durante a tradução de um texto, o resultado não é estático e inacessível, e sim mutável. O reconhecimento de possíveis insumos contribui, portanto, para a compreensão da complexidade do processo.

Quadro 2— Comparação do mesmo trecho no D1 e no D2 e protocolo referente à alteração destacada.

D1	D2	Protocolo do D2
O vovô <u>era um saco</u> . Todo dia, quando eu chegava da escola, ele dizia, “Olá, Pequeno Jim, já em casa?”	O vovô <u>não largava do meu pé</u> . Todo dia, quando eu chegava da escola, ele dizia, “Olá, Pequeno Jim, já em casa?”	Eu me dei conta de que “era um saco” não ficaria muito aceitável para a tradução [...] Porque ele era chato, ele era uma “ <i>pain in the neck</i> ” com todo mundo, não só com ele. Nessa página, “não largar do meu pé” funciona, porque ele enche o saco do menino perguntando do nome [...].

Fonte: elaborado pelas autoras.

4.2 Distribuição de tempo nas fases do processo tradutório

A segunda pergunta de pesquisa indaga se há diferenças na distribuição de tempo das fases em cada dia de coleta. Conforme descrito na Metodologia de análise, a partir das representações lineares, é possível identificar as fases e a distribuição de tempo nelas, bem como o tempo total de execução da tarefa. Nesta pesquisa, somando-se os três dias, esse tempo total foi 5h23min04,7s (19.384,7 s), sendo o tempo despendido em D1, D2 e D3, respectivamente, de 1h33min49,0s (5.629,0 s), 1h52min50,4s (6.770,4 s) e 1h56min25,3s (6.985,3 s). Isso significa que, embora no D1 tenha sido feita a leitura do livro completo durante a fase de orientação, foi nesse dia que houve menor dispêndio total de tempo. Em contrapartida, o maior tempo foi dedicado à tarefa no D3, quando foi feita a revisão final do texto, conforme a Tabela 1 a seguir, que detalha a distribuição do tempo total por fase do processo em cada dia de coleta. Além disso, é provável que uma nova revisão dos insumos dos dias anteriores possa também ter ocasionado esse maior tempo tanto no D2 quanto no D3. Outra possibilidade, comprovada pela quantidade de dificuldades relatadas nos IPDRs dos D2 e D3, é que o texto a ser traduzido nesses dias impôs maior desafio para a participante.

Tabela 1 – Distribuição do tempo por dia de coleta e fase do processo.

Dia de coleta	Orientação	Redação	Revisão	Total
D1	0:28:02,3 (1.682,3 s)	0:37:20,6 (2.240,6 s)	0:28:22,8 (1.702,8 s)	1:33:49,0 (5.629,0 s)
D2	0:10:08,3 (608,3 s)	1:00:49,5 (3.694,5 s)	0:41:07,6 (2.467,6 s)	1:52:50,4 (6.770,4 s)
D3	0:01:02,3 (62,3 s)	0:08:13,6 (493,6 s)	1:47:09,5 (6.429,5 s)	1:56:25,3 (6.985,3 s)

Fonte: elaborada pelas autoras.

Os resultados dessa tabela demonstram que, além da diferença na distribuição de tempo por dia de coleta, a distribuição de tempo por fases também é distinta, o que pode ser explicado pela natureza de cada fase de cada dia. A orientação é maior no D1 (30% do total) se comparada ao D2 e D3 (9% e 1%, respectivamente), em razão da novidade da tarefa, da compreensão do TF, das dificuldades encontradas e da necessidade de pesquisas antes de iniciar a produção do TA. Por ser a primeira vez em que faz uma tradução experimental definitiva, a participante releu o texto várias vezes, até sentir segurança, e só então começou a tarefa. Houve a compreensão do TF e o planejamento do TA, sendo uma fase sem produção textual. Nesta pesquisa, a partir da gravação da tela e da leitura em voz alta gravada pelo microfone, sabe-se que no D1, durante essa fase, a participante leu todo o arquivo .pdf do livro ilustrado três vezes e depois conferiu no Translog-II até que página do livro ia o TF na janela não editável.

Em seguida, ela releu o .pdf do livro ilustrado em voz alta algumas vezes, até parar em duas dificuldades de tradução encontradas no trecho a ser traduzido no D1 que estavam na mesma página do .pdf do livro. Tais dificuldades estavam na escolha tradutória de nomes e apelidos, como “Joe Blake” e “Sonny Jim”, os quais estão relacionados ao contexto da obra (Austrália) e à variação de idade entre os

personagens, tendo sido posteriormente descritos no IPDR como uma dificuldade. Ainda na fase de orientação, a participante precisou de apoio externo, como dicionários e enciclopédias, para solucionar essas dificuldades. Finalizada a pesquisa, a participante iniciou a fase de redação do D1, que começou 28 minutos após o início do processo tradutório. Nessa fase, a participante consultou apoio externo apenas uma vez para solucionar um problema de tradução.

No D2, apesar de mais insumos serem consultados (o livro ilustrado, o TF e o TA emergente), a participante realiza menos leituras durante a orientação. No D3, ela toma a atitude de não reler o TA que já havia sido produzido, fazendo apenas ajustes dos programas na tela para depois partir para a fase de redação. Tal tempo seria, então, o que Gotelipe (2007) classifica como pausas extratarefa de tradução (PET), que contribuem para a compreensão do processo. Essa atitude de mudança de estratégia é descrita no protocolo retrospectivo verbal do D3 (“hoje preferi já começar traduzindo em vez de [reler]”), mas ela não é justificada.

No que se refere à fase de redação, em dois dos três dias de coleta, observa-se que essa fase demandou mais tempo em comparação às outras (orientação e revisão), confirmando resultados de pesquisas anteriores com textos literários em que as coletas eram feitas em um único dia (Fontes, 2020; Malta, 2015), bem como com textos não literários (Jakobsen, 2003; Buchweitz; Alves, 2006; PACTE, 2019). Além disso, a distribuição de tempo nessa fase variou bastante nos três dias de coleta do presente estudo, equivalendo a 40%, 55% e 7% do tempo despendido, respectivamente, no D1, no D2 e D3.

Salienta-se que, no D1 e no D2, a fase de redação consistiu em consulta aos insumos e a apoio externo. Entretanto, a maior porcentagem de tempo ocorre no D2, a qual é justificada por algumas alterações no insumo TA do D1, que é retomado no D2 ainda na fase de redação desse dia. Em contrapartida, o tempo menor na fase de redação ocorre no D3, apesar de ter maior número de palavras a traduzir (201, contra 190 no D1 e 185 no D2). Tal fato é decorrente da mudança de estratégia já relatada da

participante, que, em vez de solucionar problemas de tradução à medida que eles surgiam como havia feito nos dias anteriores, optou por fazer uma tradução mais rascunho, deixando para solucionar tais problemas na fase de revisão. Conseqüentemente, isso gerou menos pausas para consultas, sendo o livro ilustrado e o TA os únicos insumos consultados. Como apontado no protocolo retrospectivo verbal do D3, a participante decide não fazer consultas a fontes externas (“Primeiro fui traduzindo, sem buscar termos na internet”) – a única consulta feita foi ao TA do dia anterior, para copiar a solução de tradução de uma palavra já traduzida anteriormente – e em seguida ela lista termos específicos que pesquisou na fase de revisão, apesar de já tê-los traduzido provisoriamente na fase de redação. Novamente, não há justificativa para essa decisão. No entanto, é possível que a participante, inconscientemente ou não, decidiu adotar a estratégia de não pesquisar para finalizar a tradução em menos tempo. Esse tipo de estratégia pode estar associado a um tipo específico de perfil de tradutor, chamado de Redator-Revisor, editando de maneira substancial o texto tanto na fase de redação quanto na fase de revisão do processo tradutório (Fonseca, 2012).

Além disso, constatou-se que a fase de redação nem sempre termina com um ponto final, podendo terminar com uma revisão *online* (Fontes, 2020), uma vez que a última UT da fase de redação do D1 foi gerada devido a um acréscimo feito na oração traduzida na UT imediatamente anterior, que já continha o ponto final, conforme o Quadro 3.

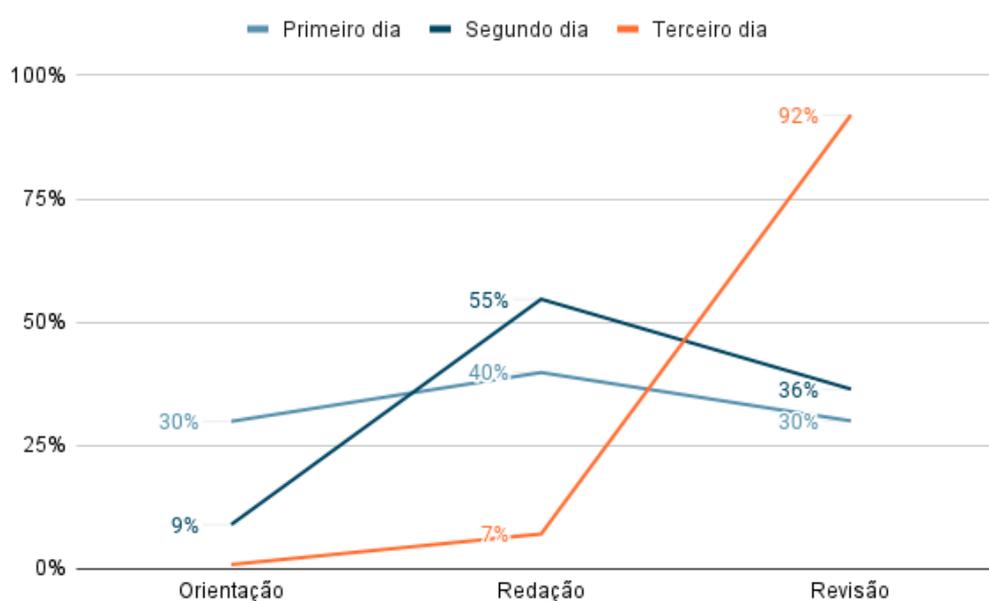
Quadro 3 – Representação linear do fim da fase de redação do D1.

Duração da pausa	Representação linear no Translog-II
02,56 s	•acho•que**→*◀[Return]*****[▼][▲]*****••****E*u•n*ão•vou•*** ouvir•e**]a•n***◀◀◀s*◀as•n**unca•mais.
03,52 s	[▼][▲]**→**•de•novo

Fonte: elaborado pelas autoras.

Por fim, a fase de revisão também possui duração variável. No D1 e no D2, ela possui duração proporcional próxima (30% e 36% do total) e é marcada pelas mesmas atividades. No D3, por sua vez, ela é muito mais longa (92% do total). A diferença no tempo de revisão do D3 pode ser explicada por uma mudança de atitude, em que a participante decide primeiro traduzir realizando menos pausas para revisões *online* e sem apoio externo, o que leva a um menor tempo na fase de redação, para então revisar o texto como um todo na fase de revisão. A Figura 4 aponta distribuição relativa do tempo das fases do processo nos três dias de coleta.

Figura 4 — Duração relativa das fases do processo



Fonte: elaborada pelas autoras.

Esse resultado é diferente do que é encontrado por Malta (2017), Jakobsen (2002, 2003), Alves (2005), Buchweitz e Alves (2006), Braga (2007) e Carl, Dragsted e Jakobsen (2012) sobre a fase de redação ser a fase mais longa. Além disso, considerando-se o tempo despendido na fase de redação, esse resultado confirma a constatação de Jakobsen (2002) sobre as decisões tomadas por estudantes serem menos duráveis: muitas vezes, elas são revistas na fase de revisão. No D3, a carga de revisão é, portanto, maior; a participante necessita revisar escolhas dos dias anteriores, tomar decisões

globais sobre o texto e revisar a tradução feita no dia, realizada com poucas pausas para reflexão. No protocolo retrospectivo verbal do D3, a participante menciona que não deu a devida atenção a algumas soluções de tradução que considera insatisfatórias (a participante relata “homenzinho velho” para “*little old man*”, quando uma tradução possível seria “velhinho”). Essa variação no D3 pode ainda ser justificada por um comportamento errático, ou seja, que não apresenta regularidade, devido à novidade da tarefa, uma vez que a participante nunca havia traduzido um livro ilustrado antes. No entanto, deve-se ressaltar que o seu comportamento pode não se encaixar nos descritos por estudos do processo prévios, por tratar-se de um processo tradutório que durou três dias.

A partir desses resultados e da comparação deles com achados de estudos anteriores, a segunda pergunta de pesquisa que indaga em que medida as fases podem ter diferente distribuição de tempo em cada dia de coleta pode ser respondida com a afirmação de que a duração das fases é diferente conforme a sua localização no processo; isto é, de acordo com o dia de coleta em que ocorrem. Deve-se considerar que, em uma tradução que demora três dias para ser concluída, a fase de redação de cada dia nem sempre é a mais longa, mas a fase de redação pode ser a que mais demanda tempo quando se reflete sobre o processo de três dias como um grande bloco. Neste caso, pode-se afirmar que há uma “macrofase” de redação, que perdura os três dias e é composta por redações e revisões parciais e é seguida por uma revisão final. Os resultados do D3, além disso, indicam que, para a participante, a revisão final demanda um tempo maior em comparação às revisões parciais, indicando um perfil revisor.

4.3 Natureza das fases do processo tradutório

A terceira pergunta de pesquisa procura saber se há diferenças na natureza das fases do processo tradutório quando este é realizado em mais de um dia. Conforme já evidenciado, este estudo, ao dividir o processo em três dias, possibilita que, em cada

dia, se identifique uma fase de orientação, uma de redação e uma de revisão. Porém, assim como Jakobsen (2002) e Fontes (2020) comprovaram, a própria fase de redação pode conter etapas de orientação e revisão *online*.

Nesta pesquisa, embora se identifiquem as três diferentes fases do processo tradutório em cada dia de coleta, a tradução que se dá em mais de um dia é uma tarefa única, em que há uma fase de orientação inicial no D1 e uma de revisão final no D3, sendo tudo o que está entre essas duas fases uma macrofase de redação. Nessa macrofase (que vai do D1 ao D3), há fases de reorientação (a orientação no início do D2 e do D3), redação parcial (no D1, D2 e D3) e revisão parcial (no D1 e D2), que, justamente por não lidar com o TA completo e por reconhecer a existência de fases posteriores, difere da revisão final (no D3).

O reconhecimento da possibilidade de revisar o texto posteriormente durante a tradução pode ser comprovado em trechos dos protocolos retrospectivos e dos IPDRs, em que a participante menciona postergar as decisões de tradução para o dia seguinte:

Não fiquei satisfeita com muitas das escolhas feitas, mas preferi deixar para pensar a respeito delas amanhã (Protocolo retrospectivo escrito livre do D1).

A minha ideia é pensar em alguma expressão que rime com a linha seguinte nos próximos dias de coleta, pois hoje não consegui pensar em nada que achasse bom (IPDR do D1).

Escrevi “mamãe” com letra minúscula, porque tinha pesquisado nos livros ilustrados para ver como era traduzido e corriji de acordo, comecei a usar com letra minúscula também. Mas acho que no começo do texto tem maiúscula, uma coisa pra corrigir amanhã (Protocolo retrospectivo verbal livre do D2).

Então talvez eu também tenha que voltar e pensar nisso de novo. Eu pensei no “então”, mas decidi deixar pra amanhã o “então” e os tempos verbais (Protocolo retrospectivo verbal livre do D2).

“O papai revirava os olhos pra gente”. Achei importante ter a ideia de cumplicidade, contrariando o que eu tinha decidido ontem (IPDR do D3).

Essa compreensão do processo, evidenciada pelos relatos, justificaria, em parte, a disparidade na duração da revisão final em comparação com as parciais, pois esse é

o último momento em que a participante poderá modificar o TA antes de enviá-lo. Nos protocolos, também há uma preocupação da participante com instruções que geralmente são dadas sobre a escrita e a tradução, uma vez que ela relata que é necessário deixar o texto “descansar” ao finalizar a tradução para então realizar uma revisão final após um maior intervalo de tempo:

Estava pensando que talvez eu precise de outro dia de coleta para fazer uma revisão melhor. Amanhã eu vou ter muitas horas, eu acho, mas, mesmo assim, acho que eu vou precisar de um quarto dia. Ainda estava insegura com os nomes, eu comecei a pesquisar de novo... (Protocolo retrospectivo verbal livre do D2).

Ela também enfatiza a noção de que a tradução, muitas vezes, não é feita de forma isolada, mas sim com a interação com colegas, o que poderia ser feito posteriormente, como o trecho a seguir evidencia.

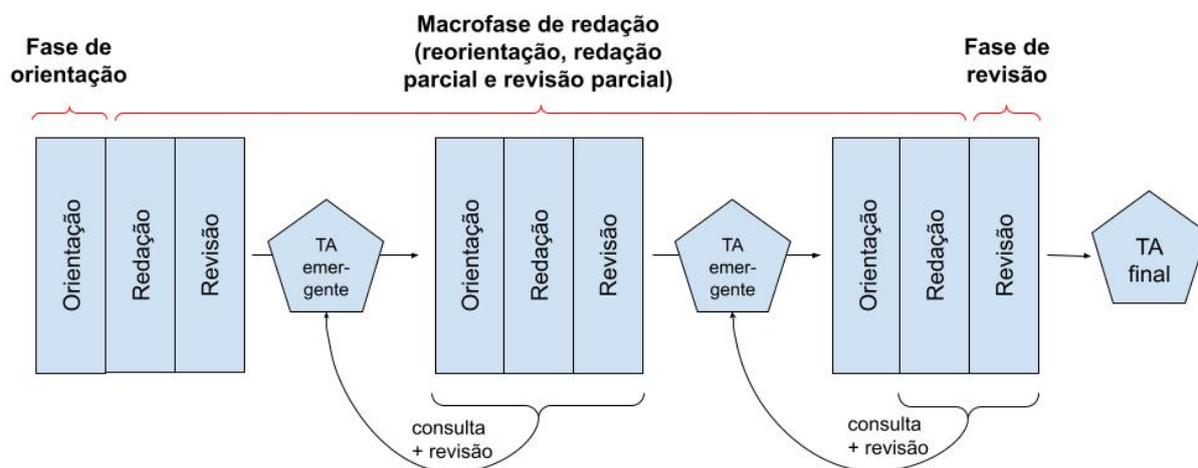
Ainda fiquei pensando bastante nessa tradução do Matheus e dos filmes de faroeste, mas eu me dei por convencida. Eu só conseguiria pensar em outras opções depois de revisar com outras pessoas, de receber um *feedback* (Protocolo retrospectivo verbal livre do D3).

Essas observações reforçam que é importante ao tradutor em formação avaliar a sua produção textual, especialmente quando houver restrições de tempo ou não houver o auxílio de outros profissionais.

Refletindo-se sobre o processo analisado, então, como uma tarefa única, tem-se uma orientação inicial, uma macrofase de redação composta de reorientações, redações e revisões parciais, bem como uma fase de revisão final. A orientação do D1 corresponde à fase de orientação inicial. A revisão do D3, por sua vez, é apenas final, uma vez que, finalizada a fase de redação, a participante faz a revisão completa do TA. A Figura 5 apresenta um esquema do processo tradutório da participante, em que, apesar de a imagem evidenciar os TAs parciais como fonte de consulta, outras fontes

de apoio externo (dicionários, imagens etc.) e interno (memória, associações etc.), foram acessadas.

Figura 5 — Esquema de um processo tradutório de três dias.



Fonte: elaborada pelas autoras.

5 Considerações finais

Esta investigação do processo tradutório de um livro ilustrado, que durou três dias de coleta, teve como objetivos identificar os insumos possíveis, investigar se havia diferenças na distribuição de tempo das fases do processo tradutório e na natureza delas. Com base nesses objetivos, foram formuladas três perguntas. A resposta à pergunta inicial, que indagava quais são os insumos possíveis para a tradução, foi que o livro ilustrado (em .pdf), o TF e o TA emergente foram identificados como insumos possíveis, havendo, portanto, três insumos. Observou-se que a relevância de um ou outro insumo depende do dia da coleta, havendo no D1 uma maior dependência do livro ilustrado em .pdf. No D2, há uma dependência do TF e do TA de maneira semelhante, enquanto o TA ganha maior enfoque no D3. Dessa maneira, a dependência está relacionada às diferentes estratégias de consulta aos insumos em cada dia, mostrando que é essencial a conscientização de tais estratégias para que o estudante de tradução compreenda qual é a mais vantajosa e possa adotá-la com consistência.

A segunda pergunta questionava em que medida as fases podem ter diferente distribuição de tempo nos dias de coleta. A resposta a essa pergunta está diretamente relacionada à imbricação das fases do processo tradutório. Seguindo as diretrizes estabelecidas por Jakobsen (2002) para o reconhecimento das fases, os resultados apontaram que a fase de redação é a maior, seguida da fase de revisão e da fase de orientação. Entretanto, uma coleta planejada para ser feita em mais de um dia parece ter fases que não seguem tão precisamente as definições de Jakobsen (2002), uma vez que as fases podem ser mais amplas, como a redação, que constitui uma macrofase, abrangendo as fases de redação e revisão do D1, orientação, redação e revisão do D2 e orientação e redação do D3.

A pergunta final da pesquisa questionava se havia diferenças na natureza das fases do processo tradutório. Os resultados do estudo apontam que tais fases estão imbricadas. Isso se deve, por exemplo, à constatação de que a orientação no D1 concentrava-se no planejamento da tradução com base mais no livro ilustrado em .pdf e no TF em menor grau, enquanto no D2 ganha destaque o TA emergente produzido no dia anterior, que passa a ser tão importante quanto o TF como um insumo na reorientação. A redação no D2, por sua vez, consistia não apenas em traduzir o texto programado para esse dia, mas também de revisar o TA emergente traduzido no dia anterior. Nesse sentido, à medida que se traduz, também se revisa, com ou sem modificações do texto. Essa revisão vai além da revisão *online* do D2, pois mudanças mais substanciais no TA emergente do D1 poderiam ser feitas. Em contrapartida, a redação no D3 não abrangeu uma reorientação partindo do TA emergente do D1 e do D2, mas apenas do TF, uma vez que a estratégia da participante foi apenas ler a UT do início do texto programado para ser traduzido no D3. A participante também não revisou o TA emergente do D2 durante a redação no D3, fazendo a revisão final após o término da fase de redação desse dia. Nesse caso, a revisão final abrangeu a leitura completa do TA emergente e alterações pontuais até que a participante considerasse o

TA concluído, levando a uma revisão final que demandou um tempo maior em comparação às revisões parciais, o que indica um perfil revisor.

A extensão da coleta permitiu observar as variações no comportamento da tradutora com a progressão dos dias. Isso possibilita discutir questões que podem ser uma dificuldade para tradutores em formação, como a carga de trabalho em relação ao prazo. Nesta pesquisa, havia rigidez quanto à quantidade de palavras que deveriam ser traduzidas por dia e quanto à quantidade de dias para sua finalização. Em pesquisas futuras, pode ser interessante investigar como os próprios futuros tradutores gerenciam a tarefa e o prazo.

Apesar de não fazer uso do rastreamento ocular e ter apenas um participante, esta pesquisa traz achados relevantes que podem servir como base não só para o ensino de tradução literária em sala de aula, mas também para a descrição de processos de tradução de outros gêneros e até mesmo para o desenvolvimento da aprendizagem autônoma e da metarreflexão dos alunos. Tendo o conhecimento dos *softwares* utilizados na pesquisa e da sua metodologia, esses alunos podem capazes realizar a tradução por conta própria, como a autora desta pesquisa fez.

Referências

ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. *In*: PAGANO, A. (org.). **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2001. p. 69-92.

ALVES, F. (ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2003. DOI <https://doi.org/10.1075/btl.45>

ALVES, F. Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. *In*: ALVES, F.; PAGANO, A.; MAGALHÃES, C. (ed.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 109-169.

ALVSTAD, C. Children's literature. *In*: WASHBOURNE, K.; VAN WYKE, B. (ed.). **The Routledge Handbook of Literary Translation**. London: Routledge, 2019. p. 159-180. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315517131-12>

BORG, C. The phases of the translation process: are they always three? *In*: FARRUGIA, C. B. (ed.). **The Junior College Multi-Disciplinary Conference: Research, Practice and Collaboration**. Msida, Malta: University of Malta Junior College, 2018. p. 79-91.

BRAGA, C. N. O. **Indagando o perfil de tradutores em formação**: um estudo de caso. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BUCHWEITZ, A.; ALVES, F. Cognitive adaptation in translation: an interface between language direction, time, and recursiveness in target text production. **Letras De Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 241-272, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/601>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARL, M. Translog-II: a program for recording user activity data for empirical reading and writing research. *In*: ELRA, LREC. 8, 2012, **Proceedings** [...]. Istanbul, Turkey: ELRA, 2012. p. 4108-4112.

CARL, M.; DRAGSTED, B.; JAKOBSEN, A. L. A taxonomy of human translation styles. **Translation Journal**, v. 16, n. 2, p. 155-168, 2011. Disponível em: <http://translationjournal.net/journal/56taxonomy.htm>. Acesso em: 11 ago. 2023.

COHEN, A. D. Metodologia de pesquisa em linguística aplicada: mudanças e perspectivas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 1989. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639078>. Acesso em: 11 ago. 2023.

DA SILVA, I. A. L. On a more robust approach to triangulating retrospective protocols and key logging in translation process research. *In*: FERREIRA, A.; SCHWIETER, J. W. (ed.). **Psycholinguistic and cognitive inquiries into translating and interpreting**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 175-202. DOI <https://doi.org/10.1075/btl.115.08sil>

DOMINGOS, L. C. **O desafio da tradução de minicontos da coletânea *The world's shortest stories***: uma tradução comentada com foco na metarreflexão e no processo tradutório. 2016. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

DUARTE, L. M. **Alocação de esforço cognitivo em uma tarefa de (re)tradução**: estudo sobre desempenho no par linguístico francês-português. 2017. Dissertação (Mestrado

em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. Verbal reports as data. **Psychological review**, v. 87, n. 3, p. 215-251, 1980. DOI <https://doi.org/10.1037/0033-295X.87.3.215>

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. **Protocol analysis: verbal reports as data**. rev. ed. First edition published 1984. Cambridge, MA: The MIT Press, 1993. DOI <https://doi.org/10.7551/mitpress/5657.001.0001>

FONSECA, N. B. L. **Padrões prototípicos de segmentação na descompactação e recompactação de unidades de tradução em tarefas de tradução direta e inversa**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FONSECA, N. B. L. Investigando processos de solução de problemas e tomada de decisão no desempenho de tradutores profissionais durante tarefas de tradução direta e inversa. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 1, p. 106-116, 2014. DOI <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.1.12035>

FONSECA, N. B. L. **Pós-edição monolíngue: uma análise de indicadores de dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo**. 2016. 231. f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FONSECA, N. B. L. Analysing the impact of TAPs on temporal, technical, and cognitive effort in monolingual post-editing. **Perspectives**, v. 27, n. 4, p. 552-588, 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/0907676X.2019.1597909>

FONTES, C. **O processo tradutório em tarefas de (re)tradução: um estudo no par linguístico inglês-português**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GILE, D. Integrated Problem and Decision Reporting as a translator training tool. **The Journal of Specialised Translation**, v. 2, p. 2-20, jul. 2004. Disponível em: https://jostrans.org/issue02/art_gile.php. Acesso em: 11 ago. 2023.

HANSEN, G. The translation process as object of research. *In*: MILLÁN, C.; BARTINA, F. **The Routledge handbook of Translation Studies**. New York: Routledge, 2013. p. 88-101.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. Introducción a la Traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production by Translog. *In*: HANSEN, G. (ed.), **Probing the process in translation: methods and results**. Copenhagen Studies in Language. v. 24. Frederiksberg: Samfundslitteratur, 1999. p. 9-20.

JAKOBSEN, A. L. Translation drafting by professional translators and by translation students. *In*: HANSEN, G. (ed.). **Empirical translation studies: process and product**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204.

JAKOBSEN, A. L. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. *In*: ALVES, F. (ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 69-95. DOI <https://doi.org/10.1075/btl.45.08jak>

JAKOBSEN, A. L. Instances of peak performance in translation. **Lebende Sprachen**, v. 50, n. 3, p. 111-116, 2005. DOI <https://doi.org/10.1515/LES.2005.111>

JAKOBSEN, A. L.; SCHOU, L. Translog documentation. *In*: HANSEN, G. (ed.). **Probing the process in translation: methods and results**. Copenhagen Studies in Language. v. 24. Frederiksberg: Samfundslitteratur, 1999. p. 151-186.

KETOLA, A. Encounters with an illustrated text: an analysis of translation students' diaries. *In*: OITTINEN, R.; KETOLA, A.; GARAVINI, M. (ed.). **Translating children's picturebooks: revoicing the verbal, the visual and the aural for a child audience**. London: Routledge, 2018. p. 187-201.

KOGLIN, A. **Efeitos cognitivos e esforço de processamento de metáforas em tarefas de pós-edição e de tradução humana: uma investigação processual à luz da teoria da relevância**. 2015. 196. f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

LÖRSCHER, W. Process-oriented research into translation and implications for translation teaching. **Traduction, Terminologie, Rédaction**, Montréal, v. 5, n. 1, p. 145-161, 1992. DOI <https://doi.org/10.7202/037110ar>

MALTA, G. **O processamento cognitivo em tarefas de (re)tradução: um estudo baseado em rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos verbais**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MALTA, G.; FONTES, C.; DA SILVA, I. A. L. (Re)translation from a process-oriented approach. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 191-215, jan.-abr. 2019. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2019v39n1p191>

MOSSOP, B. **Editing and revising for translators**. 3. ed. New York: Routledge, 2014. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315767130>

NORMAN, L.; YOUNG, N. **Grandpa**. Sydney: Margaret Hamilton Books, 1998.

O'SULLIVAN, E. Translating children's literature: what, for whom, how, and why. A basic map of actors, factors and contexts. **Belas infieis**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 13-35, 2019. DOI <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v8.n3.2019.25176>

OITTINEN, R.; KETOLA, A.; GARAVINI, M. (ed.). **Translating children's picturebooks**: revoicing the verbal, the visual and the aural for a child audience. London: Routledge, 2018.

PACTE. Evolution of the efficacy of the translation process in translation competence acquisition. **Meta: journal des traducteurs**, Montréal, v. 64, n. 1, p. 242-265, 2019. DOI <https://doi.org/10.7202/1065336ar>

SEKINO, K. **Investigando processos de pós-edição e de tradução**: uma análise cognitivo-pragmática da relação esforço/efeito no par linguístico japonês/português. 214. f. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

TIRKKONEN-CONDIT, S. The monitor model revisited: evidence from process research. **Meta: journal des traducteurs**, Montréal, v. 50, n. 2, p. 405-412, 2005. DOI <https://doi.org/10.7202/010990ar>